SEÇÃO 3 - COMERCIALIZAÇÃO

Distribuição de Derivados de Petróleo

3.1 Bases de Distribuição
3.2 Vendas das Distribuidoras

Revenda de Derivados de Petróleo

3.3 Postos Revendedores
3.4 Transportadores-revendedores-retalhistas (TRRs)
3.5 Preços ao Consumidor

Qualidade dos Combustíveis

3.6 Programa de Monitoramento da Qualidade dos Combustíveis (PMQC)

Comercialização de Gás Natural

3.7 Consumo Próprio e Vendas de Gás Natural

As atividades de comercialização, assunto da presente seção, subdividem-se em quatro temas: **Distribuição de Derivados de Petróleo**, **Revenda de Derivados de Petróleo**, **Qualidade dos Combustíveis** e **Comercialização de Gás Natural**.

A ANP empenha-se constantemente na coleta, análise e organização dos dados. Cabe considerar, porém, que grande parte da informação veiculada nesta seção do Anuário Estatístico é transmitida pelos próprios agentes regulados.

O tema **Distribuição de Derivados de Petróleo** divide-se em dois capítulos: *Bases de Distribuição* e *Vendas das Distribuidoras.* O primeiro retrata a infraestrutura da distribuição de derivados no País ao fim de 2012, e o segundo registra o volume comercializado pelas distribuidoras nos últimos dez anos.

Na sequência, a **Revenda** é analisada em três capítulos: sob a ótica dos *Postos Revendedores,* dos *Transportadores-revendedores-retalhistas (TRRs)* e dos *Preços ao Consumidor*. Os dois primeiros apresentam, respectivamente, a base de revenda de derivados dos postos e a dos TRRs; enquanto o terceiro traz um registro dos preços ao consumidor, calculados a partir do levantamento de preços da ANP e das informações das distribuidoras.

Em seguida, o tema **Qualidade dos Combustíveis** mostra as não conformidades encontradas em amostras de etanol hidratado, gasolina C e óleo diesel.

O último tema desta seção – **Comercialização de Gás Natural** – enfoca a evolução de vendas, consumo próprio e demais destinos do gás natural produzido e importado pelo Brasil.

Distribuição de Derivados de Petróleo

3.1 Bases de Distribuição

Ao fim de 2012, havia no Brasil 329 bases de distribuição de combustíveis líquidos autorizadas pela ANP, divididas da seguinte maneira pelas regiões: 118 no Sudeste, 66 no Sul, 52 no Centro-Oeste, 47 no Norte e 46 no Nordeste. Por sua vez, as unidades da Federação com maior número de bases eram São Paulo (79), Paraná (40), Mato Grosso (26), Pará (20) e Minas Gerais (19).

A capacidade nominal de armazenamento desta infraestrutura era de 3,8 milhões de m³. Deste total, 2,9 milhões de m³ (77,1%) se destinaram aos derivados de petróleo (exceto GLP) e se dividiram pelas regiões nos seguintes percentuais: Norte (14,4%), Nordeste (21,3%), Sudeste (41,3%), Sul (16,8%) e Centro-Oeste (6,3%).

Já as bases de distribuição de etanol tinham capacidade de armazenamento de 717,3 mil m³ (19% do total), alocadas na seguinte proporção: Norte (7,8%), Nordeste (17,2%), Sudeste (50,5%), Sul (14,1%) e Centro-Oeste (10,3%).

Por sua vez, a capacidade de armazenamento de GLP, de 147,7 mil m³ (3,9% do total), distribuía-se da seguinte forma: Norte (11,7%), Nordeste (20,7%), Sudeste (44,1%), Sul (16,7%) e Centro-Oeste (6,9%).

Tabela 3.1

3.2 Vendas das Distribuidoras

Em 2012, as vendas nacionais de derivados pelas distribuidoras registraram alta de 7,6%, totalizando 119,8 milhões de m³.

Com exceção do querosene iluminante, as vendas de todos os produtos cresceram. As de gasolina C aumentaram 11,9%, somando 39,7 milhões de m³; gasolina de aviação, 8,4%, somando 76 mil m³; GLP, 0,5%, somando 12,9 milhões de m³; óleo combustível, 7,14%, somando 3,9 milhões de m³; óleo diesel, 7%, somando 55,9 milhões de m³; e QAV, 4,8%, somando 7,3 milhões de m³. As vendas de diesel representaram 46,6% das vendas totais, enquanto as de gasolina C e de GLP responderam por, respectivamente, 33,1% e 10,8%.

O querosene iluminante, utilizado para iluminação e como solvente na indústria de tintas, tem sido cada vez menos comercializado no Brasil. Em 2012, foi vendido um volume de 12 mil m³ desse derivado, uma queda de 18,8% em relação ao ano anterior.

O volume total de vendas não inclui nafta, óleo combustível marítimo nem óleo diesel marítimo, que são vendidos diretamente pelos produtores aos consumidores, sem a intermediação das distribuidoras.

Tabela 3.2

Gráfico 3.1

Em 2012, as vendas de óleo diesel pelas distribuidoras subiram quase 7% e alcançaram 55,9 milhões de m³, volume correspondente a 46,6% do total de vendas de derivados de petróleo no ano.

Todas as regiões registraram alta nas vendas de óleo diesel, sendo a maior, em termos percentuais, obtida pelo Centro-Oeste (13,2%), que concentrou 12,1% das vendas desse derivado.

Norte, Nordeste, Sul e Sudeste responderam, respectivamente, por 10,2%, 16,3%, 18,7% e 42,6% das vendas.

O Estado de São Paulo foi o que registrou o maior volume de vendas de diesel (12,5 milhões de m³, correspondentes a 22,4% do total), após alta de 5,4% em relação a 2011. Em seguida, vieram Minas Gerais (12,7%), Paraná (8,5%) e Rio Grande do Sul (6%).

O mercado de óleo diesel foi suprido por 140 distribuidoras, sendo que as quatro empresas líderes em vendas concentraram 80% do mercado: BR (39,4%), Ipiranga (23%), Raízen (14,4%) e Alesat (3,2%).

Tabela 3.3
Tabela 3.4

Gráfico 3.2

As vendas de gasolina C apresentaram um acréscimo de 11,9% em relação a 2011, atingindo um volume de 39,7 milhões de m³, que correspondeu a 33,1% do total de vendas de derivados.

Todas as regiões registraram alta nas vendas de gasolina C, com destaque, em termos percentuais, para a Região Nordeste, cujo mercado cresceu 17,2%, totalizando vendas de 7,3 milhões de m³, o equivalente a 18,4% das vendas totais. Em termos absolutos, o mercado que mais se expandiu foi o do Sudeste, cujas vendas se elevaram em 1,5 milhão de m³ (9,1%), somando 18,1 milhões de m³ (45,5% do total).

As outras regiões responderam pelos seguintes volumes de vendas: Norte, 2,5 milhões de m³ (concentrando 6,3% do total); Sul, 8,1 milhões de m³ (20,3%); e Centro-Oeste, 3,8 milhões de m³ (9,5%).

São Paulo foi o estado com maior consumo de gasolina C: 10,3 milhões de m³ (26% do total), após acréscimo de 8,9% em relação ao ano anterior.

Em 2012, o mercado de distribuição de gasolina C permaneceu concentrado entre três distribuidoras, que detiveram 65,8% do total das vendas: BR (29%), Ipiranga Produtos de Petróleo - IPP (20,4%) e Raízen (16,5%). Outras 150 distribuidoras foram responsáveis pelo restante das vendas.

Tabela 3.5
Tabela 3.6

Gráfico 3.3

As vendas de GLP subiram 0,5%, alcançando volume de 12,9 milhões de m³, que correspondeu a 10,8% do total de vendas de derivados.

Somente as regiões Sul e Sudeste sofreram ligeira queda nas vendas, de, respectivamente, 0,9% e 0,7%, para cerca de 2,2 milhões de m³ e 6 milhões de m³, mas compensadas pelas altas de 2,9% na Região Norte, 2,3%, na Nordeste, e 3,1%, na Centro-Oeste.

O consumo de GLP apresentou a seguinte distribuição entre as regiões: Norte, 769 mil m³ (concentrando 5,9% do total); Nordeste, 3 milhões de m³ (22,8%); Sudeste, 6 milhões de m³ (46%); Sul, 2,2 milhões de m³ (17,1%); e Centro-Oeste, 1 milhão de m³ (8,1%).

São Paulo foi o estado que concentrou o maior volume de vendas, de 3,3 milhões de m³, equivalente a 25,9% do total nacional.

Um total de 18 empresas participou da distribuição de GLP, sendo que cinco delas concentraram 67% das vendas totais: Ultragaz – Bahiana Distribuidora de Gás e Companhia Ultragaz (23,4%), Liquigás (22,6%) e SHV Gas Brasil – SHV Gás Brasil e Minasgás (21%).

Tabela 3.7
Tabela 3.8

Gráfico 3.4

Em 2012, as vendas de óleo combustível pelas distribuidoras apresentaram um acréscimo de 7,1%. O volume comercializado chegou a 3,9 milhões de m³, sendo que as únicas elevações foram registradas nas regiões Nordeste e Centro-Oeste – 51,7% e 12,3%, respectivamente, enquanto Norte, Sudeste e Sul sofreram decréscimos de 0,8%, 8,6% e 16,3%, nesta ordem.

O consumo desse derivado apresentou a seguinte distribuição entre as regiões: Norte, 1,3 milhão de m³ (concentrando 32,8% do total); Nordeste, 1,1 milhão de m³ (27,8%); Sudeste, 871,6 mil m³ (22,2%); Sul, 306,8 mil m³ (7,8%); e Centro-Oeste, 374,5 mil m³ (9,5%).

Apenas três empresas responderam pela quase totalidade (99%) da distribuição de óleo combustível: BR (85,5%), Raízen (8,7%) e Ipiranga (4,9%). Outras 16 distribuidoras complementaram o mercado desse combustível.

Tabela 3.9
Tabela 3.10

Gráfico 3.5

O volume de vendas de QAV aumentou 4,8% em comparação a 2011, para 7,3 milhões de m³.

As regiões Norte, Sudeste e Sul registraram alta nas vendas desse derivado de 3,1%, 7% e 6,9%, respectivamente, enquanto Nordeste e Centro-Oeste sofreram ligeiras quedas de 0,7% e 0,5%, nesta ordem.

O consumo desse combustível apresentou a seguinte distribuição entre as regiões: Norte, 434,8 mil m³ (concentrando 6% do total); Nordeste, 1,1 milhão de m³ (15,5%); Sudeste, 4,6 milhões de m³ (62,7%); Sul, 537,3 mil m³ (7,4%); e Centro-Oeste, 618,6 mil m³ (8,5%).

São Paulo foi o estado com o maior consumo de QAV (2,8 milhões de m³, correspondentes a 39% do total), seguido do Rio de Janeiro (1,3 milhão de m³, 18% do total) e do Distrito Federal (411,9 mil m³, 5,6% do total).

Três distribuidoras foram responsáveis por abastecer o mercado de QAV: BR (61,5%), Shell (35,2%) e Air BP (3,4%).

Tabela 3.11
Tabela 3.12

Gráfico 3.6

A distribuição de querosene iluminante sofreu retração de 18,9%, para um volume de 11,6 mil m³.

Todas as regiões registraram queda nas vendas, que se distribuíram da seguinte maneira: Norte, 1,02 mil m³ (concentrando 8,9% do total); Nordeste, 1,2 mil m³ (10,4%); Sudeste, 4,6 mil m³ (39,9%); Sul, 4,6 mil m³ (39,4%); e Centro-Oeste, 163 m³ (1,4%).

As vendas nacionais de querosene iluminante foram realizadas por 11 empresas, mas três delas responderam por 89,1% do mercado: BR (51%), Shell (19,6%) e Ipiranga (18,5%).

Tabela 3.13
Tabela 3.14

Gráfico 3.7

Em 2012, as vendas de gasolina de aviação aumentaram 8,4% em relação a 2011, atingindo o volume de 76,3 mil m³. Com exceção da Região Nordeste, todas as outras obtiveram alta nas vendas.

O consumo desse combustível apresentou a seguinte distribuição entre as regiões: Norte, 11,8 mil m³ (concentrando 15,4% do total); Nordeste, 7,3 mil m³ (9,6%); Sudeste, 24,1 mil m³ (31,6%); Sul, 15,9 mil m³ (20,9%); e Centro-Oeste, 17,2 mil m³ (22,5%).

A distribuição desse derivado foi realizada por quatro empresas: BR (54,7%), Shell (30,7%), Gran Petro (12,3%) e Air BP (2,3%).

Tabela 3.15
Tabela 3.16

Gráfico 3.8

Revenda de Derivados de Petróleo

3.3 Postos Revendedores

No final de 2012, 39.450 postos revendedores de derivados de petróleo operavam no País. Desses, 41% se localizavam no Sudeste; 22,7% no Nordeste; 20,5% na Região Sul; 8,6% no Centro-Oeste; e 7,2% na Região Norte. Os estados com maior concentração de postos eram: São Paulo (23%), Minas Gerais (10,8%), Rio Grande do Sul (7,9%), Paraná (7,2%), Bahia (5,9%) e Rio de Janeiro (5,7%).

Em âmbito nacional, 47,7% da revenda de combustíveis se dividiu entre quatro das 105 bandeiras atuantes: BR (19,9%), Ipiranga (14,2%), Raízen (9,8%) e Alesat (3,8%).

Os postos revendedores que operam com bandeira branca (podem ser abastecidos por qualquer distribuidora), tiveram participação de 42,3% em 2012.

Tabela 3.17
Tabela 3.18

Gráfico 3.9

3.4 Transportadores-revendedores-retalhistas (TRRs)

Em 2012, 418 TRRs estavam cadastrados na ANP. As regiões Sul e Sudeste concentravam, respectivamente, 36,8% e 30,6% desse total, enquanto Centro-Oeste, Nordeste e Norte reuniam 22,5%, 5% e 5%, nesta ordem. As unidades da Federação com maior número de TRRs eram: São Paulo (18,9%), Rio Grande do Sul (17%), Paraná (13,6%) e Mato Grosso (11,5%).

Tabela 3.19

3.5 Preços ao Consumidor

Em 2012, o preço médio nacional da gasolina C registrou ligeira alta de 0,2% em relação a 2011, para R$ 2,736. Os preços mais baixos foram verificados no Piauí (R$ 2,580) e os mais altos no Acre (R$ 3,125). Por regiões, foram registrados os seguintes preços médios: Norte (R$ 2,885), Nordeste (R$ 2,700), Sudeste (R$ 2,718), Sul (R$ 2,725) e Centro-Oeste (R$ 2,819).

Por sua vez, o preço médio do óleo diesel no Brasil subiu 3% em 2012, fixando-se em R$ 2,087. Os menores preços foram observados na Bahia (R$ 1,996) e os maiores no Acre (R$ 2,597). Por regiões, os preços médios se situaram em: Norte (R$ 2,213), Nordeste (R$ 2,041), Sudeste (R$ 2,057), Sul (R$ 2,074) e Centro-Oeste (R$ 2,190).

Já os preços de GLP tiveram elevação de 2,1% no mercado nacional, atingindo R$ 3,023. Assim como em 2011, os menores preços foram encontrados no Amazonas (R$ 2,518) e os maiores no Mato Grosso (R$ 3,728).

Por fim, o preço médio nacional do gás natural veicular (GNV) registrou aumento de 6,5% em 2012, passando para R$ 1,707. Os menores preços foram observados em São Paulo (R$ 1,475) e os maiores no Distrito Federal (R$ 2,157).

Tabela 3.20
Tabela 3.21
Tabela 3.22
Tabela 3.23

Gráfico 3.10

Em 2012, a média de preço do querosene iluminante ao consumidor foi de R$ 2,366. O município de São Paulo foi o que apresentou o menor preço (R$ 2,237), enquanto o maior foi encontrado em Porto Alegre (R$ 2,541).

Em relação ao óleo combustível A1, o preço médio em 2012 foi de R$ 1,099. Curitiba apresentou o menor preço (R$ 0,813) e Manaus, o maior (R$ 1,277).

O preço médio do QAV ao consumidor foi de R$ 1,934 em 2012. Belo Horizonte registrou o maior preço (R$ 2,109) entre os municípios selecionados; São Paulo, o menor (R$ 1,865).

Tabela 3.24
Tabela 3.25
Tabela 3.26

Gráfico 3.11

Qualidade dos Combustíveis

3.6 Programa de Monitoramento da Qualidade dos Combustíveis (PMQC)

O PMQC é o instrumento que a ANP utiliza para verificar a qualidade dos principais combustíveis líquidos comercializados no País. Por meio dele, identificam-se focos de não conformidade, ou seja, a existência de produtos que não atendem às especificações técnicas, e planejam-se ações de fiscalização do abastecimento.

O programa teve início no último trimestre de 1998 e, desde então, cresceu em abrangência territorial, escopo de produtos monitorados e número de análises realizadas, passando a alcançar todas as unidades da Federação em 2005.

A cada mês, são coletadas mais de 21 mil amostras de gasolina, etanol hidratado e diesel em postos revendedores escolhidos por sorteio. As amostras são analisadas em relação a diversos parâmetros técnicos no Centro de Pesquisas e Análises Tecnológicas da ANP (CPT, localizado em Brasília) e nos laboratórios de universidades e instituições de pesquisa contratados. Os laboratórios enviam os resultados das análises diretamente ao Escritório Central da Agência, no Rio de Janeiro.

Semestralmente, a ANP aciona o seu Programa Interlaboratorial de Combustíveis, do qual participam todas as instituições contratadas. Esse programa monitora a qualidade e a padronização dos serviços contratados. São verificados os procedimentos de coleta, transporte e armazenamento de amostras, bem como a realização das análises e o tratamento e o envio de resultados.

Em 2012, foram coletadas 213,4 mil amostras de combustíveis, 9,9% a menos que em 2011. Destas, 4.790 apresentaram não conformidade[1]. Foram analisadas 42.843 amostras de etanol hidratado, 87.045 de gasolina C e 83.946 de óleo diesel; destas, estavam não conformes, respectivamente, 902, 1.622 e 2.266.

Os ensaios realizados pelas instituições integrantes do PMQC, no caso do etanol hidratado, encontraram 1.003 não conformidades, sendo 36,1% referentes a massa específica/teor alcoólico; 33,7% a aparência, cor e teor de hidrocarboneto; 24,5% a condutividade; e 5,7% a pH.

No caso da gasolina C, foram verificadas 1.730 não conformidades, sendo 37,9% referentes a destilação, 28,4% a teor de etanol anidro combustível; 23,5% a aspecto, cor, benzeno, olefínico e aromáticos; e 10,2% a octanagem.

No que diz respeito ao óleo diesel, foram observadas 2.451 não conformidades, dos quais 37,3% relativas a aspecto (indicação visual de qualidade e possíveis contaminações); 20,7% a teor de biodiesel (verificação do cumprimento ao dispositivo legal que determina a adição de biodiesel ao óleo diesel); 16,1% a ponto de fulgor; 14,1% a concentração de enxofre no combustível; 8% a corante; e 3,7% a cor ASTM (cor ASTM fora de especificação pode ser indicativo de degradação ou contaminação) e massa específica a 20 ºC.

Tabela 3.27
Tabela 3.28

Gráfico 3.12
Gráfico 3.13
Gráfico 3.14
Gráfico 3.15

[1] Cada amostra analisada pode conter uma ou mais não conformidades.

Comercialização de Gás Natural

3.7 Consumo Próprio e Vendas de Gás Natural

As vendas de gás natural aumentaram 15,1% em 2012, totalizando 21,2 bilhões de m³. No acumulado de 10 anos, esse crescimento foi, em média, de 6,1% ao ano.

Todas as regiões registraram alta nas vendas. A Região Sudeste continuou sendo a maior consumidora de gás natural no País, responsável por 67,4% de todo o volume comercializado. Em 2012, as vendas destinadas a essa região tiveram acréscimo de 20,9%, somando 14,3 bilhões de m³.

Por sua vez, a Região Nordeste registrou alta de 0,5% em suas vendas de gás natural, que alcançaram 4,2 bilhões de m³, 19,9% do total. Já a Região Sul teve aumento de 0,7% nas vendas, que totalizaram 1,7 bilhão de m³, 8,1% do total. O Centro-Oeste registrou alta de 29,5% nas vendas, que somaram 97 milhões de m³, 0,5% do total, e a Região Norte teve acréscimo de 38,7% nas vendas, que atingiram 897 milhões de m³, 4,2% do total.

Os maiores volumes de gás natural foram vendidos no Estado de São Paulo (6,1 bilhões de m³, 28,9% do total, após alta de 7,2%) e no Rio de Janeiro (5,8 bilhões de m³, 27,1% do total, após aumento de 43,2%).

No que se refere ao consumo próprio (o gás natural utilizado nas áreas de produção, refino, geração térmica, processamento e movimentação), houve aumento de 25,9% em comparação a 2011. Do total de 10,9 bilhões de m³ consumidos em 2012, 73,6% ou 8 bilhões de m³ corresponderam ao Sudeste, após alta de 18,6%.

Apenas a Região Norte registrou queda no consumo próprio de gás natural, de 2,3%, totalizando 236,1 milhões de m³, 2,2% do total. A Região Nordeste apresentou acréscimo de 12,9% no consumo próprio, que se situou em 1,5 bilhão de m³, 13,4% do total. Por sua vez, a Região Sul teve alta de 206% no consumo próprio, que alcançou 910,3 milhões de m³, 8,3% do total, enquanto o Centro-Oeste registrou crescimento de 383,9% no consumo próprio, que atingiu 266,2 milhões de m³, 2,4% do total.

Do consumo próprio total, 3,9 bilhões de m³ destinaram-se às operações de produção, volume que apresentou um crescimento de 4,5% em relação a 2011. Nas refinarias, nos sistemas de movimentação de gás natural e nas UPGNs foram consumidos 7 bilhões de m³, um acréscimo de 42% em relação ao ano anterior.

No balanço do gás natural no Brasil, a oferta interna corresponde à soma dos valores de importação e produção, descontados ajustes, queima, perda e reinjeção. O valor da oferta interna também pode ser obtido pela soma do consumo próprio total, do LGN absorvido nas UPGNs e das vendas. Em 2012, a oferta interna de gás natural foi de 33,9 bilhões de m³. Deste total, 62,6% destinaram-se às vendas e 32,1% ao consumo próprio total, enquanto outros 3,8% foram absorvidos como LGN nas UPGNs.

Tabela 3.29
Tabela 3.30
Tabela 3.31

Gráfico 3.16
Gráfico 3.17